

SOCIABILIDADE E INSEGURANÇA URBANA NA PEQUENA CIDADE DE NOVA TEBAS (PR)

Sociability and urban insecurity in the small town of Nova Tebas (PR)

Pedro Henrique Carnevalli Fernandes¹
Angela Maria Endlich²

¹Universidade Estadual de Maringá – UEM
Mestre em Geografia
pedrocarnevalli@hotmail.com

²Universidade Estadual de Maringá – UEM
Doutora em Geografia
amendlich@hotmail.com

RESUMO

A compreensão da condição humana e social de vida é indispensável para entender os espaços geográficos. As cidades – ou o espaço urbano – se converteram no principal local de moradia da população brasileira e, por conseguinte, um campo instável e complexo de estudo. Embora aparentemente simples e de fácil apreensão, o estudo acerca das pequenas cidades igualmente demonstram a complexidade nesses espaços. No artigo que aqui se apresenta, focalizam-se as pequenas cidades no Norte do Paraná, e enfatiza-se o caso de Nova Tebas. De forma geral, a região é densa em pequenas localidades devido a sua formação socioespacial. As transformações econômicas que vem ocorrendo já algumas décadas alteraram os papéis e significados das pequenas cidades. Com isso, houve intenso declínio populacional em diferentes localidades da região, mas destaca-se o caso de Nova Tebas, processo acompanhado de grande perda de centralidade do seu núcleo urbano. Essa perda significativa de bens e serviços, inclusive dos relativos à segurança, reflete diretamente na realidade contemporânea de Nova Tebas. Assim, há uma mudança nas relações de sociabilidade e na insegurança, fazendo com que essa localidade não seja tão calma e segura de se morar.

Palavras chave: Sociabilidade. Insegurança urbana. Pequena cidade.

ABSTRACT

The comprehension of the human and social condition of life is indispensable to understand the geographical space. Within it, is, among others, the right of liberty and safety. The cities – or the urban space – became the main site of the achievement ties of sociability, and, consequently an unstable and complex field. The small cities, such as a focus, are part of the urban context. In the state of Paraná their consolidation is explained, specially by the sociospatial formation, being, in the case of Nova Tebas, by the cotton economy. After many factors from different levels, among them the declining of the main income sources, there was a declining of population in the county and loss of centrality in the urban core. This meaningful loss of goods and services, including unsafely, reflects directly in the contemporary reality of Nova Tebas. Then, it seems to be a change in the relations of sociability and in the unsafely, making this location become not so calm and safe to live.

Keywords: Sociability. Urban unsafely. Small city.

1. INTRODUÇÃO

A Geografia, como ciência, apresenta subsídios para compreender as questões cotidianas relacionadas ao tempo e ao espaço, sendo o ambiente urbano um dos principais espaços para a análise dessa relação. Não se trata de uma tarefa fácil, mas a realidade tem

demandado estudos e diversos autores dedicando-se aos estudos urbanos no Brasil.

Lefebvre (2001, p. 65) lembra que a análise dos fenômenos urbanos (cidade e urbano) “exige o emprego de todos os instrumentos metodológicos: forma, função, estrutura [...], texto, contexto [...] etc.”. Portanto, sua conceituação não pode ser

simplista, nem negar o uso das metodologias da Geografia Urbana e das demais circunscrições teóricas.

Devido a sua complexidade, variedade, dinâmica econômica e social, entre outros fatores, o ambiente urbano se transformou, no mundo contemporâneo, em um espaço incerto, onde considerada parcela da população convive com elementos que impedem a emancipação humana, como a pobreza e a miséria, à ausência de emprego e de geração de renda, à ausência de serviços na área da educação, da saúde, da segurança, etc., que acabam por influenciar diretamente no cotidiano e no comportamento humano, individual e/ou coletivo.

As pequenas cidades, recorte temático e espacial utilizado neste trabalho, constituem uma face do urbano. O tratamento teórico dessas espacialidades ainda é incipiente, especialmente se comparados aos estudos sobre as grandes e médias cidades. Para perceber a expressividade dessas localidades é preciso considerá-las em conjunto e inseridas em uma totalidade, e não de forma isolada. Portanto, pressupõe-se sua subordinação aos processos de globalização e produção capitalista, sofrendo com a perversidade do sistema e enfrentando problemas como outras cidades.

Nesse sentido, a cidade e o processo de urbanização ganharam destaque justamente com o sistema capitalista. Em 1800, somente 2% da população mundial era considerada urbanizada e no início do século XX, a quantidade não passava de 10% – 150 milhões de pessoas. Em 1950, cerca de 30% da população viviam nas áreas urbanas e cinquenta anos depois, metade da população – 2,9 bilhões de pessoas – já estavam nas cidades. A Organização das Nações Unidas (ONU) prevê que, em 2030, 60% das pessoas (8,3 bilhões) estarão morando nos espaços urbanos (PEDRAZZINI, 2006).

Certamente, houve uma explosão urbana no mundo, apesar das discrepâncias continentais. Ela ocorreu não apenas no número de habitantes das cidades, mas também quanto “às suas condições de vida, que preparam a explosão social, deixando

marcas profundas no ‘tecido cicatricial’ das cidades” (PEDRAZZINI, 2006, p. 48).

As pequenas cidades não escapam desse contexto exposto. Elas estão inseridas no sistema regente e sofrem implicações diretas e indiretas do processo de globalização, que, com uma agenda neoliberal, marcada pela saída do Estado nos serviços de ordem pública, inclusive de segurança, estraçalha o bem-estar social.

Atualmente, é possível perceber que há, nesses espaços, um aumento de eventos relacionados a diversos tipos de violência, principalmente homicídios e roubos/furtos. Estes, somados e atrelados a outros fatores, geram um sentimento de insegurança na população dessas pequenas localidades. Em geral, essas tendências são relacionadas às grandes cidades e às áreas metropolitanas, que são os espaços mais contemplados nos estudos acerca da violência. Entretanto, pretende-se, neste artigo, mostrar como essa tendência também faz parte da realidade de áreas não-metropolitanas, como as pequenas cidades, na maioria das vezes esquecidas pelos estudos acadêmicos acerca desse tema. Para isso, apresenta-se o caso de Nova Tebas, no interior do Estado do Paraná.

Além disso, parece haver um fenômeno, em andamento, relacionado à mudança nas relações de sociabilidade, desencadeada pela transformação do perfil dos moradores de algumas cidades pequenas. Isso porque, apesar de algumas localidades continuarem apresentando declínio populacional, pressupõe-se que há uma maior mobilidade, fazendo com que alguns novos moradores sejam estranhos para os demais. Já outras localidades vêm ganhando população absoluta, especialmente urbana.

Deve-se considerar, também, o fato das relações interpessoais tornarem-se cada vez mais efêmeras, inclusive quanto ao pertencimento a determinados espaços.

O direcionamento do olhar acerca da insegurança e da sociabilidade para as pequenas cidades caminha no sentido de relativizar sua imagem, principalmente no senso comum, de um lugar exclusivamente tranquilo, calmo e mais seguro de se morar e

de um local onde ocorrem basicamente relações concretas de sociabilidade positiva.

Dentro de uma realidade urbana que se mostra cada vez mais marcada pela violência e pelo sentimento de insegurança, pretende-se, com este trabalho, contribuir para um alerta demonstrando que tais fatos – violência e sentimento de insegurança urbana – não retratam apenas uma realidade metropolitana ou de grandes e médias cidades como frequentemente ela aparece associada. Cada vez mais, parece haver uma difusão dessa situação que aflige toda a sociedade e está presente nos mais variados pontos do território.

Assim, o objetivo geral é demonstrar processos e dinâmicas atuais que sinalizam para uma mudança das relações de sociabilidade e do crescimento da violência e da insegurança urbana em espaços não-metropolitanos, especialmente na pequena cidade de Nova Tebas, no Paraná.

2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos utilizados foram: levantamento e revisão bibliográfica, abrangendo o tema das pequenas cidades, da violência e da insegurança urbana, da sociabilidade, entre outros assuntos relacionados; levantamento de dados secundários do município de Nova Tebas; levantamento dos equipamentos e serviços públicos existentes quanto à segurança pública; realização de trabalhos de campo com a realização de entrevistas e aplicação de questionários para a população local (70 questionários) e gestores públicos e profissionais de segurança (dez questionários) no município de Nova Tebas; sistematização das informações e dos dados coletados; e por fim, elaboração da redação final do artigo.

Vale destacar que este artigo é um recorte da dissertação, que aborda o tema da violência e do sentimento de insegurança urbana em três dimensões espaciais: a primeira corresponde as pequenas cidades, especialmente as não-metropolitanas, de forma geral; a segunda dimensão traz um olhar sobre as pequenas cidades no nível escalar regional –

o recorte adotado para tanto foi o da Mesorregião Norte Central paranaense –; e, finalmente, a terceira dimensão espacial, que tem como objetivo aproximar mais ainda o foco, é chamada de local – nesse caso, uma série de procedimentos adotados resultaram na escolha de dois municípios paranaenses, polarizados por pequenas cidades: Florestópolis e Nova Tebas.

A proposta por transitar nessas três dimensões ao longo da dissertação teve como finalidade demonstrar que o processo não é limitado ou característico de determinada área ou região. O aumento da insegurança urbana se difunde rapidamente por diversos espaços e por várias razões ora diferenciadas, ora similares. Neste artigo, pontua-se a situação em Nova Tebas.

O município de Nova Tebas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possuía 7.398 habitantes em 2010, dos quais 2.891 (39%) faziam parte da área urbana. A sede urbana está aproximadamente a 370 quilômetros de Curitiba e ele pertence à Microrregião de Ivaiporã. O Mapa 1 apresenta a localização do município.

3 REFERENCIAIS TEÓRICOS: CONCEITOS IMPORTANTES

3.1 As pequenas cidades

A conceituação de pequena cidade é complexa e de difícil definição, devido, principalmente, a sua quantidade, diversidade e maior vínculo com o campo.

Contudo, sinalizam-se duas principais opções metodológicas quanto à conceituação: o viés quantitativo e o qualitativo. O primeiro está associado, especialmente, ao patamar demográfico, inclusive valores máximos e mínimos e o segundo parte de análises da posição da localidade na rede urbana, seus papéis, área de influência e formação socioespacial.

Atualmente, o Brasil possui 5.565 municípios, sendo que 23,4% deles possuem, no máximo, cinco mil habitantes. Estabelecendo o patamar de 20 mil habitantes

totais, a quantidade de municípios chega a 77% e, utilizando como parâmetro o intervalo de zero a 50 mil habitantes absolutos, a quantidade salta para quase 90% dos municípios brasileiros.

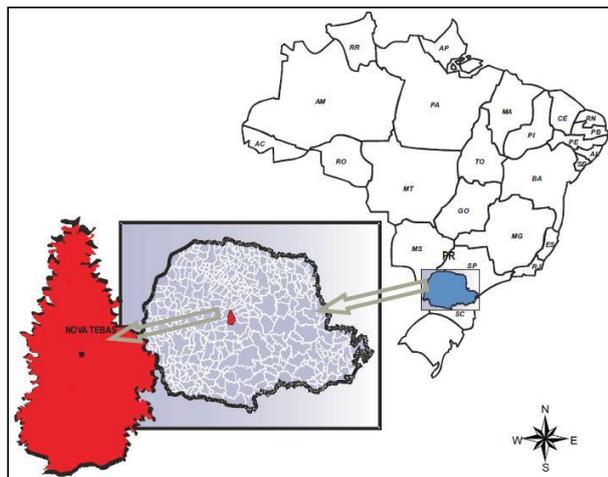


Figura 1: Localização de Nova Tebas

Fonte: Adaptado de Prefeitura Municipal de Nova Tebas

Em contrapartida, a parcela de municípios brasileiros, com no máximo 50 mil habitantes, abriga 34% da população brasileira. Logo, ocorre que os agrupamentos humanos estão localizados numa pequena quantidade de municípios, ou seja, quase 30% da população brasileira – mais de 55 milhões de pessoas – se amontoam em apenas 0,7% dos municípios.

Sendo assim, mais do que reconhecer que a maioria da população nacional reside numa cidade média ou metrópole, deve-se considerar a existência de uma parcela expressiva de 64.004.918 (IBGE, 2010) pessoas que residem em espaços quase sempre negligenciados pela maioria das políticas públicas – pequenas cidades em áreas não-metropolitanas.

O Estado Paraná possui 399 municípios, dos quais 92% possuem, no máximo, 50 mil habitantes. Esse grupo de municípios abrigam 40,7% da população estadual, que, em 2010, correspondia a 10,45 milhões de pessoas (IBGE, 2010).

Contudo, Santos alerta que o patamar demográfico não pode ser o elemento determinante no debate sobre a temática. Logo, o viés qualitativo deve ser norteador. Segundo

Endlich (2006, p. 89), “a divisão do trabalho, a economia de mercado e a capacidade de consumo são indispensáveis nessa análise”. Por sinal, em sua tese de doutorado, a autora aborda os menores núcleos da rede urbana por meio de uma classificação baseada no alcance de seus papéis, também comparativa, no âmbito do conjunto urbano.

Essa metodologia de estudo, proposta por Santos (1979), utiliza o termo “cidades locais” e propõe entendê-las dentro do contexto urbano, ou seja, com as cidades regionais e as metrópoles. Assim, uma cidade local corresponde à “aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (SANTOS, 1979, p. 71).

Portanto, a caracterização de uma cidade, inclusive como pequena, está associada à sua inserção numa dada área, região ou rede urbana. Isso porque elas se definem a partir das relações internas e em função das interações externas, estabelecidas com outras cidades, o que vai definir sua posição no espaço regional ou na rede urbana (CORRÊA, 1994).

Outra forma de compreender a rede urbana passa pela reflexão baseada na formação socioespacial, pensada por Milton Santos, como categoria de análise. “O estudo sobre as formações econômicas e sociais está na possibilidade que eles oferecem de permitir o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas funções, mas sempre um conhecimento específico, aprendido num dado momento de sua evolução” (SANTOS, 1977, p. 84).

A totalidade vai se referir ao modo de produção e às particularidades de como ocorre a acumulação (diferenças das relações de trabalho, tipos de empresa, propriedades rurais, etc.), que irá compor uma formação socioespacial diferenciada.

Endlich (2006) utilizou essa metodologia para estudar as pequenas cidades do Norte e Noroeste do Paraná. De acordo com a autora, nessas regiões, “a presença dessas pequenas cidades é explicada pelo processo de formação socioespacial da região,

ocorrido no contexto da economia cafeeira” (ENDLICH, 2006, p. 23). Essa atividade impulsionou a vinda intensa de pequenos produtores e trabalhadores rurais.

Com o declínio da atividade agrícola, principal fonte de renda dos municípios e, por conseguinte, das cidades naquele momento, houve um declínio populacional no campo. Esse declínio “foi esvaziando, também, os numerosos e pequenos núcleos urbanos sob o aspecto funcional, promovendo uma outra mobilidade oriunda das pequenas cidades estagnadas em direção, sobretudo, aos centros maiores” (ENDLICH, 2006, p. 24),

Esses ciclos, marcados pelas migrações do homem do campo e das pequenas cidades, modificaram o espaço regional e a estrutura urbana dessas localidades. Muitas pessoas permaneceram na cidade, contudo com a necessidade de emprego, moradia, serviços em gerais, como educação, e saúde, entre outras necessidades. Todavia, grande parte das pequenas cidades apresenta graves problemas na oferta de serviços, como saúde, educação, segurança, infraestrutura urbana, entre outros serviços. Esse contexto apresentado também ocorreu em Nova Tebas, como é abordado adiante.

Além dos autores abordados ao longo deste artigo, destacam-se nos estudos acerca das pequenas cidades: Fresca (1990), Soares (2003), Bernadelli (2004), Gonçalves (2005), Soriano (2007), Bacelar (2008) e Melo (2008).

3.2 Violência, violência urbana e insegurança urbana

Para entender a insegurança urbana, conceito principal deste artigo, deve-se partir, mesmo que aqui apresentado por breves discussões, das noções básicas acerca da violência e da violência urbana.

Violência é um termo oriundo do latim *vis*, e significa “força”. No século XVIII, o sentido passou a ser o de “abuso de força”, enquanto tornou-se “força brutal para submeter alguém”, no século XX. Ou seja, houve uma ampliação no campo semântico (RIFIOTIS, 1999, p. 28; MAGALHÃES, 2009, p. 321-322).

Já Viana (2002, p. 7), de maneira bem simplificada, define violência como “uma relação social na qual um grupo ou indivíduo impõe algo a outro grupo ou indivíduo”. Deve considerar, também, a existência de diferenças substanciais nas representações sociais de violência, ou seja, como cada faixa etária e classes sociais vêm esses fenômenos.

A violência sempre existiu nas sociedades humanas, entretanto, ela ganhou maior proporção, no mundo, a partir da consolidação do capitalismo, intensificando-se cada vez mais com o advento da globalização e com a busca desenfreada de prazer e poder. Logo, ela se tornou desterritorializada e onipresente, no sentido de não pertencer exclusivamente a um só espaço e não estar condicionada apenas a um grupo social. Da mesma maneira, “os habitantes urbanos não conseguem mais distinguir as violências que os assustam, tampouco identificar o ‘inimigo’ ou o ‘agressor’” (PEDRAZZINI, 2006, p. 100).

A violência urbana é a conceituação de violência, tendo como lugar de ocorrência o espaço urbano. Ela é definida, também, como “derivada da organização do espaço urbano” (VIANA, 2002, p. 29), entre eles, a divisão social do trabalho, desigualdades sociais – emprego, moradia, transporte, educação, saúde, lazer, religião, conflitos sociais, ações do Estado, agentes valorizadores do solo urbano e estruturas físicas.

Nos estudos de Silva (2004, p. 59), a violência urbana é “uma forma de vida constituída pelo uso da força como princípio organizador das relações sociais”. Segundo o autor, ela não se refere a “comportamentos isolados, mas à sua articulação como uma ordem social”. Ou seja, as cidades brasileiras vivem “um processo de consolidação de uma ordem social cujo princípio de organização é o recurso universal à força” (SILVA, 2004, p. 62), ameaçando assim a segurança, em sua totalidade.

Para entender a insegurança urbana, parte-se de duas premissas: a “impressão que a insegurança pública ‘piorou’ ou ‘melhorou’ é sempre decorrente de uma comparação no tempo” (SOUZA, 2008, p. 7) e a insegurança nasce de “um sentimento de impotência: de

não estar mais no controle” (BAUMAN, 2007, p. 32).

A insegurança urbana ocorre quando um indivíduo (ou um grupo de indivíduos) se sente inseguro em determinado espaço urbano ou em alguma localidade, por qualquer motivo que seja, real ou não (imaginário). Como ela caminha próxima à noção de sentimento, torna-se difícil descrever com precisão, variando no período, tempo e intensidade de pessoa para pessoa.

Partindo de uma série de fatores, Souza (2008, p. 9) formou o conceito de fobópole, que corresponde ao “resultado da combinação de dois elementos de composição, derivados das palavras gregas *phóbos*, que significa ‘medo’, e *pólis*, que significa ‘cidade’”. Ou seja, fobópole é a “cidade do medo” ou “medo da cidade” ou ainda “uma cidade dominada pelo medo da criminalidade”.

Já Bauman (2007, p. 7-9) expõe tal sentimento a uma mudança em curso no mundo que acarreta grandes desafios para se estudar, como a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida”; a retração ou redução da segurança, endossada pelo Estado; o solapamento dos alicerces da solidariedade social; o colapso do pensamento, do planejamento e da ação em longo prazo e do enfraquecimento das estruturas sociais.

No caso da cidade de Nova Tebas, este artigo destaca, especialmente, a violência e, principalmente, a insegurança urbana por meio de trabalhos empíricos e constatações *in loco*.

3.3 A sociabilidade

A sociabilidade, na definição mais simples, corresponde a uma “tendência para a vida em sociedade; modo de quem vive em sociedade” (BUENO, 1996, p. 612).

Na busca pelo alcance da sociabilidade, a grande motivação é o simples fato de estar em relação com alguém, em que sua plena realização depende das pessoas envolvidas e do investimento delas nessa relação. A visão abstrata do conceito pressupõe que isso ocorra sem que haja hierarquia, ou em outras palavras, que as pessoas sejam tratadas com princípio de igualdade.

Pelas determinações de Karl Marx, a sociabilidade é entendida como um “conjunto de relações que os indivíduos mantêm entre si, dentro do qual, vivem e produzem sua existência, os determina essencialmente” (ALVES, 2002, p. 309-310). Já para Lugan (1997), é a capacidade de atores sociais se comunicarem e interagirem com outros atores, sendo um processo necessário para dar a cada um deles o reconhecimento social de uma dada comunidade. Ou seja, é por meio dos conjuntos de relações que os indivíduos concretamente existirão.

Segundo Frankl (1992, p. 77-78 apud MOREIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2006, p. 629), ser humano “significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém”. O ser humano é, em sua essência concreta, um realizador de relações sociais, em que a sociabilidade é um anseio humano para encontrar um sentido de existência. Ainda segundo ele, o sentido da vida não se encontra dentro dos limites biológicos e psíquicos, mas sim, quando é capaz de transcender a si mesmo e direcionar-se à sua exterioridade.

Partindo disso, é evidente que a sociabilidade se torna peça fundamental para a existência do homem e da sociedade. Ela deve ser fomentada nas relações e não composta por indivíduos existindo isoladamente. Ora, não se deve esquecer o espaço concreto, ou seja, Marx lembra que as relações dos homens com o mundo fazem parte da sociabilidade, pela qual “podem os indivíduos se relacionar com a mundaneidade e, na produção, transformá-la em elementos úteis à sua vida” (ALVES, 2002).

No mundo contemporâneo, as pessoas se tornam cada vez mais individualistas, ou seja, irão predominar negociações de interesse próprio, enfraquecendo, assim, “as negociações de interesse coletivo” (GOMES; SILVA JUNIOR, 2007, p. 58), como uma visão crítica acerca dos acontecimentos políticos, interesse em melhoria do espaço público, indiferença com aumento do desemprego, pobreza e questões sociais, etc.

O individualismo que se comenta neste trabalho é o que Zaluar (1997) descreve como

“individualismo negativo”, no qual os indivíduos ficam ilhados no esgarçamento do tecido social, sem o ideário e os valores partilhados socialmente. Ainda de acordo com a autora, esse individualismo, por meio do narcisismo, busca uma independência individual absoluta, mas acaba por encontrar um vazio.

Nas pequenas cidades, a sociabilidade tem uma característica peculiar. Segundo Caniello (2003, p. 33), ela é “largamente condicionada pela pessoalização”, ou seja, a proximidade entre as pessoas produz o que o autor chama de “visibilidade inevitável”. As pessoas, em sua grande maioria, se conhecem e se reconhecem pelo que o autor chama de “marcas”, que pode ser exemplificado com: o cargo que exerce, o sobrenome da família ou por alguma ação realizada.

Uma das principais características desse contexto é “a dificuldade em veicular demandas conflitivas, o que marca fortemente a cena social por relações de solidariedade e reciprocidade ‘obrigatórias’” (CANIELLO, 2003, p. 33). No caso da pequena cidade de São João Nepomuceno, de 23,8 mil habitantes (25 mil de população absoluta), segundo o IBGE (2010), na Zona da Mata mineira – campo de estudo de Caniello (2003) –, a rivalidade é exercida em dois momentos: no carnaval e nas eleições, ambos no sentido de competição. Essa situação pode ser contextualizada na maioria das pequenas cidades brasileiras.

A sociabilidade nas pequenas cidades do mundo contemporâneo parece passar por uma transformação significativa. Os contatos primários com afetividade e intensidade se limitam entre os grupos e/ou parentes e amigos mais próximos e cada vez mais, com relações conturbadas. Já as relações secundárias, efêmeras, baseada em vínculos profissionais, técnicas e frias passam a ser utilizadas cotidianamente pelos moradores. Esse contexto é materializado nos estudos de Lugan (1997) na França e no trabalho empírico deste trabalho.

Certamente, há um ciclo vicioso “maior”, que engloba outros “menores”, sem saber onde é o começo, o meio e o fim. Ele

está associado à violência, à escassez de contato humano, ao sentimento de insegurança urbana, ao individualismo, à insegurança pessoal, à ausência do Estado, à mídia, às políticas repressivas, aos medos, entre outras ramificações, o que acaba por remodelar o contemporâneo modo de vida urbano.

Após essa breve contextualização teórica parte-se para a realidade da pequena cidade de Nova Tebas, no interior do Estado do Paraná.

4 NOVA TEBAS: DA CONSOLIDAÇÃO CONTURBADA À REALIDADE CAÓTICA

4.1 Nova Tebas: contexto histórico conturbado

A história de Nova Tebas é recente e marcada por conflitos políticos, que refletem na realidade contemporânea local. Na década de 1930 se formaram as primeiras propriedades rurais num povoado chamado de Três Barras. Posteriormente, em 1957, o povoado foi elevado à condição de distrito, pertencente à Pitanga, mas com o nome de Bela Vista, onde foram comercializados os primeiros lotes urbanos.

Em 1962, foram vendidos cerca de 20 lotes urbanos numa localidade onde hoje é a sede urbana do município. Essa área recebeu o nome de povoado Nova Tebas, em homenagem a Tebas, antiga cidade-estado grega.

Contudo, apenas em 1978, que começaram os interesses de emancipação: um grupo político e religioso da região colheu cerca de cinco mil assinaturas requerendo a instalação do município. Todavia, o município de Pitanga rejeitou tal situação, adiando a decisão por quase dez anos.

Em 1986, houve o plebiscito pela aprovação municipal, participando a população residente na sede do distrito de Bela Vista, a do povoado de Nova Tebas e do distrito do Poema, que, naquela época, levava o nome de Alvorada. Assim, o distrito conseguiu sua emancipação política do

município de Pitanga, por meio da Lei Estadual 8.524, de 8 dezembro de 1987.

Nesse processo de consolidação, com um jogo político de alguns moradores do povoado de Nova Tebas, foi feita na lei de desmembramento, uma alteração na toponímia distrital, mudando o nome e a sede administrativa do distrito de Bela Vista para Nova Tebas, distantes, aproximadamente, dez quilômetros. Assim, o novo município passou a ter dois distritos: Nova Tebas (a sede) e o Poema. No caso, o Bela Vista sequer recebeu denominação com a lei do desmembramento.

O município de Nova Tebas não deu origem a novos desmembramentos, pelo contrário, no final da década de 1990, foi incorporado a ele o distrito do Catuporanga (antigo patrimônio de Souzanópolis), distante cerca de oito quilômetros da sede.

A Figura 2 apresenta a composição atual do território do município de Nova Tebas, que conta com uma área de 545 km². Hoje são três rodovias que cruzam o município, sendo que duas sequer passam pela sede: a BR-487, vindo de Noroeste e passando por Catuporanga, e a PR-460, sentido Pitanga.

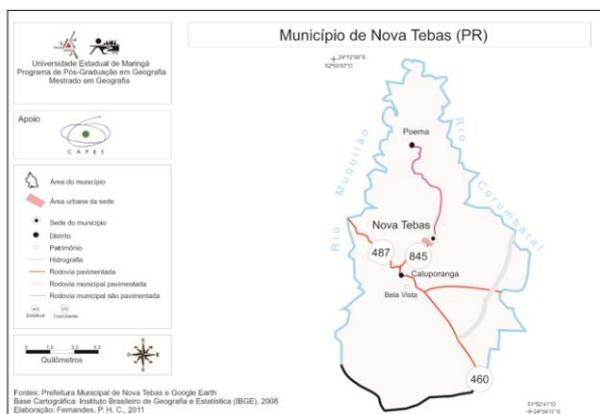


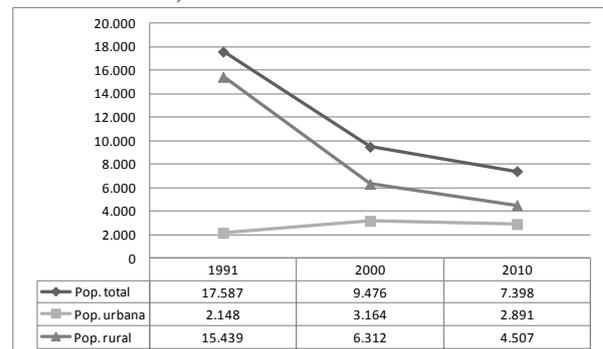
Figura 2: Município de Nova Tebas, 2011
Fonte: Fernandes (2012)

Embora não se possa confirmar, acredita-se, com base em relatos locais, que o município (ou a área em que ele está hoje) chegou a ter 30 mil habitantes em 1975, auge do cultivo algodoeiro. Essa cultura impulsionou a emancipação municipal e a econômica local. Contudo, a partir de 1980, com o declínio do algodão, emergiu, também, o demográfico. Na consolidação municipal, no

final da década, a população oficial era de 25 mil habitantes, segundo os jornais antigos de Pitanga.

Todavia, a empolgação da emancipação não evitou o que os moradores denominaram de “a saída de um mar de gente”: só ao longo da década de 1990 a perda foi de quase dez mil habitantes. O Gráfico 1 apresenta os dados oficiais de população total, urbana e rural, de 1991 a 2010.

Gráfico 1: Nova Tebas (PR). População total, urbana e rural, 1991-2010



Fonte: IBGE: 2013.

A população de Nova Tebas vem diminuindo a cada censo divulgado. Após a emancipação municipal, os dados refletiam o contexto exposto de declínio da cultura algodoeira. A queda absoluta, entre 1991 e 2000, foi de quase 50% da população, o que corresponde a menos de um terço do que se estima que havia no seu auge. A queda de 2000 a 2010 foi menor, com aproximadamente 22%, ficando restrita à população rural.

Assim, percebe-se que as pessoas não deixaram a área rural de Nova Tebas e foram para a área urbana; pelo contrário, saíram do município. A queda na população rural foi de 60% em dez anos (1991-2000). A população urbana, no primeiro momento, absorveu parcela oriunda do campo: aumento de 47%, entre 1991 e 2000. Contudo, no período seguinte, a sua queda chegou a quase 10%.

4.2 Nova Tebas: contexto atual caótico, a sociabilidade e a insegurança

Trabalhar com o tema da violência e da insegurança urbana necessita de uma metodologia que vai além das análises

quantitativas e das informações apenas objetivas, embora ambas sejam indispensáveis para a pesquisa. As impressões obtidas com o trabalho empírico, que significou viver por alguns dias a realidade local, remetem a uma análise complementar qualitativa acerca dessa realidade analisada.

A cidade de Nova Tebas convive com uma situação de isolamento. A dificuldade em chegar a ela e ao distrito do Poema refletem, parcialmente, no intra-urbano e nas relações entre as pessoas, principalmente dos diferentes setores urbanos e com aqueles que vêm de fora. Vale destacar que esse isolamento deve ser relativizado, pois é possível afirmar que o município não deixa de estar vinculado à economia global, à *internet*, enfim, aos indicativos que remetem ao fenômeno da globalização.

O município apresenta diversos problemas nas pequenas localidades (sede de distritos) relacionados, entre outros, à péssima iluminação pública, à ausência de asfalto, de serviços de saúde, de educação, de emprego e geração de renda, de moradia, de espaços lúdicos públicos, e inclusive de segurança pública. A Figura 3 exemplifica aspectos da realidade de mais da metade da população.

Partindo disso, a Tabela 1 demonstra os problemas mais citados pelos respondentes dos questionários. Algumas apresentam relações e, por isso, foram agrupadas. A maioria das citações, com 18,5%, diz respeito à ausência de oportunidades de emprego e de geração de renda. O asfalto, a ausência de cultura e lazer, de serviços de saúde, médico, hospital e unidades básicas de saúde, aparecem com mais de 10% de citações, cada uma. Já a segurança pública é lembrada em 3% das citações.

Por meio das questões relacionadas à sociabilidade, constatou-se algo até certo ponto incomum em pequenas cidades: uma diminuição nos laços de conversa e visita. Certamente, tais atitudes fazem parte de um contexto geral/global, simplesmente expelindo as consequências do modo de produção vigente. Além disso, existem diferenças e diversas formas de sociabilidade: as diferentes faixas etárias atuam, observam e vivem no urbano de maneira diferente.

Assim, são apresentados, os resultados acerca de algumas variáveis selecionadas que podem indicar uma aproximação com a sociabilidade.



Figura 3: Nova Tebas, 2011

Fonte: Fernandes (2012)

Tabela 1: Nova Tebas (PR). Elementos que mais faltam na cidade

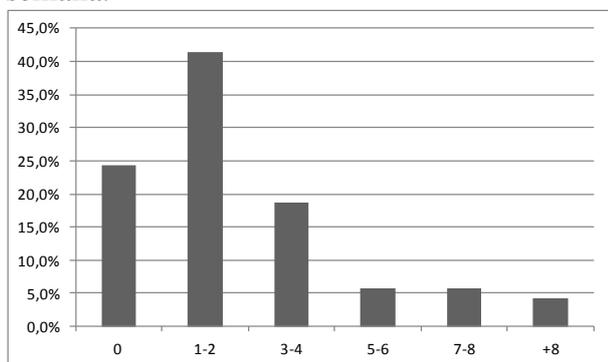
Expressão	
Emprego	18,5%
Asfalto	16,8%
Lazer e cultura	15,9%
Serviços de saúde	13,7%
Serviços de educação	6,4%
Saneamento básico	4,7%
Segurança pública	2,6%
Outros	21,4%

Fonte: Adaptado de Fernandes (2012).

Os trabalhos empíricos mostraram que grande parcela das pessoas conhece os moradores da vizinhança, o que poderia pressupor a existência de laços de sociabilidade. Em Nova Tebas, metade conhece todos os vizinhos, 45% conhecem a maioria deles e apenas 4,3% conhecem alguns ou ninguém. Apesar disso, numa extensão da indagação, 93% dos respondentes alegaram não conhecer todos os moradores do município, o que é perfeitamente compreensível.

Entretanto, o fato de conhecer não significa a manutenção ou a existência de laços concretos de sociabilidade. O Gráfico 2 apresenta a proporcionalidade de vezes que as pessoas conversam com os seus vizinhos durante o período de uma semana.

Gráfico 2: Nova Tebas (PR). Frequência de relações com a vizinhança, em vezes por semana.



Fonte: Adaptado de Fernandes (2012).

Os resultados revelaram que 41% dos respondentes alegaram que conversam de uma a duas vezes por semana com os vizinhos. O que chamou a atenção foi o índice de “nenhuma conversa” em uma semana com algum vizinho: 24,5%. Nesse caso, os argumentos foram, principalmente, “uma vez por mês”, “apenas quando precisam de alguma ajuda” ou “necessitam de algo emprestado”. Já as respostas acima de cinco vezes foram proferidas pelos mais jovens e pelas pessoas mais velhas.

A ausência ou diminuição progressiva de contato com o vizinho é estendida potencialmente para os demais moradores da cidade. Ora, se o contato com o “conhecido” é reduzido, ele se torna quase inexistente ao considerar o “desconhecido”.

Por isso, para poder mensurar a proporção de contatos entre as pessoas, propôs-se uma indagação para entender como ocorrem os contatos mais simples – e ao mesmo tempo tão enriquecedores –, como as expressões de “bom dia”, “boa tarde”, etc.

Os respondentes foram alertados de que deveriam considerar apenas às vezes em que a outra pessoa tomou a iniciativa de se expressar primeiro. A maioria (quase 43%) recebe cinco expressões básicas do cotidiano por dia; já para 27,1% delas, a quantidade de pessoas está acima de seis, por dia.

Os pontos seguintes abordados visaram apreender a insegurança urbana em Nova Tebas. Inicialmente, partiu-se do bairro em

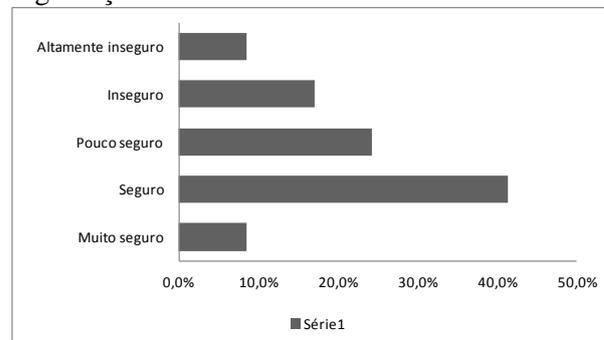
que cada respondente mora. Por isso, os questionários foram realizados em diferentes pontos da pequena cidade. Alguns bairros são estigmatizados pela violência, fazendo com que algumas pessoas optassem por não frequentá-los.

A apreciação dessa questão da insegurança urbana em municípios polarizados por pequenas cidades demonstra uma transição entre o que eram essas localidades – mais seguras – e as dinâmicas recentes, que trazem fatos preocupantes.

Assim, ao mesmo tempo em que aparece a perspectiva da tranquilidade/sem agitação, emerge, por outro lado, uma parte das pessoas que já se sentem incomodadas com acontecimentos que alteram a realidade anterior. Essas mudanças, ainda em cursos, vão refletir nas paisagens urbanas das pequenas cidades ao longo da década.

O Gráfico 3 sistematiza as respostas encontradas quanto à insegurança nos bairros que os respondentes residem em Nova Tebas.

Gráfico 3: Nova Tebas (PR). Percepção da segurança no bairro



Fonte: Adaptado de Fernandes (2012).

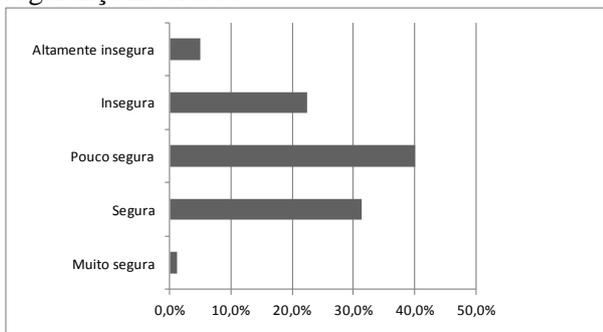
Seguramente, como tendência natural do ser humano, há uma valorização daquilo que é inerente a ele, independentemente da qualidade efetiva. Entretanto, o bairro é um ponto que deve ser considerado.

Em Nova Tebas, 50% das pessoas consideram que o bairro em que residem é muito seguro (8,6%) ou seguro (41,4%). Os demais 50% avaliam que os problemas de violência, considerados distantes do local de moradia, passaram a ocorrer mais próximos de seus lares. Para 24%, o bairro é pouco seguro e, na opinião de 8% o bairro é altamente inseguro.

Em seguida, as indagações, assim como a pauta das conversas com os moradores, referiram-se ao contexto urbano geral. Em outras palavras, buscaram-se respostas envolvendo a cidade como um todo, sem classificação/distinção dos espaços. A utilização dessa abordagem deixou as pessoas mais à vontade para falar sobre o assunto.

Em vista disso, a primeira indagação foi acerca da existência de violência na cidade. Em Nova Tebas, 87,1% dos respondentes alegaram que existem problemas de violência na cidade. O Gráfico 4 apresenta a percepção dos respondentes quanto à segurança em Nova Tebas.

Gráfico 4: Nova Tebas (PR). Percepção da segurança na cidade



Fonte: Adaptado de Fernandes (2012).

Para 32,5% dos respondentes, a cidade é muito segura ou segura; mas, para 40% a cidade é pouco segura e, para 22,5%, ela é insegura de se morar. A quantidade de respondentes que alegaram morar numa cidade altamente insegura é de 5%.

Já com relação à insegurança, aproximadamente 30% dos respondentes sentem-se inseguros e com medo na área urbana de Nova Tebas. Entretanto em contrapartida, a proporção de pessoas que sofreram algum tipo de ação violenta é de pouco mais de 20%. Nesse ponto, vale uma ressalva: em cidades pequenas, muitas pessoas, por medo e/ou receio do julgamento da sociedade, não denunciam a violência, principalmente a doméstica, como constatado no trabalho empírico.

No caso da insegurança, foi observado em Nova Tebas, estabelecimentos comerciais e residências com equipamentos de segurança. A

maior parte deles localizados próximos à rodovia que corta o distrito do Catuporanga, devido aos assaltos e/ou furtos realizados nessa região. Apesar disso, na sede municipal não há empresa de segurança privada, apenas serviços informais.

4.3 Nova Tebas: equipamentos e serviços de segurança

Com relação aos equipamentos de segurança pública, existe um Destacamento de Polícia Militar com quatro profissionais para atender a sede e os dois distritos. Eles se dividem em duas equipes que atuam em dupla durante 48 horas cada uma. No município já atuaram sete policiais, em três equipes.

Segundo as informações do Destacamento de Polícia Militar de Nova Tebas, em média são 20 boletins de ocorrência registrados por semana no município. A Figura 4 apresenta o Destacamento de polícia, que fica fechado, sem atendimento ao público, quando os policiais fazem ronda.



Figura 4 - Nova Tebas (PR). Destacamento de Polícia Militar

Fonte: Fernandes (2012).

Já a Polícia Civil está numa situação ainda pior: não há policial civil nem delegado no município. Existe apenas um funcionário responsável pelas questões burocráticas. A Delegacia de Nova Tebas está interdita, por motivos não justificados, e o delegado que responde pelas ocorrências é oriundo de Manoel Ribas, distante quase 50 quilômetros. De acordo com a Polícia Civil, de janeiro a

maio de 2011, foram abertos 12 inquéritos policiais na cidade, entretanto, nem todos eles geraram um processo. A Figura 5 apresenta a Delegacia de Polícia Civil da cidade.



Figura 5: Nova Tebas (PR). Delegacia de Polícia Civil

Fonte: Fernandes (2012).

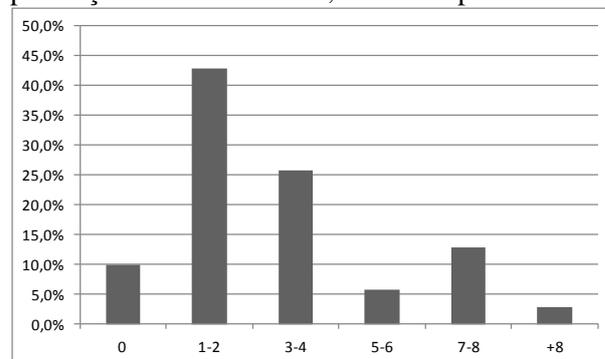
Em Nova Tebas, também, não há corpo de bombeiros. O município depende do batalhão de Campo Mourão, a 75 quilômetros de distância. Recentemente, em 2010, uma casa pegou fogo no distrito do Catuporanga e, sem auxílio de nenhuma instituição militar, foi rapidamente consumida pelo fogo. Quando a ajuda chegou, já não havia o que ser feito, a não ser evitar que o estrago se estendesse para a vizinhança.

A ausência de efetivo e, por conseguinte, da presença da polícia na cidade é sentida e questionada pelos moradores: mais de 95% dos respondentes acreditam que faltam policiais, bombeiros, viaturas, equipamentos e serviços públicos relacionados à segurança em Nova Tebas. Por isso, os postos dos Correios, as casas lotéricas e as agências bancárias, já foram assaltados mais de uma vez. E isso não é recente, pois o Banco do Brasil de Nova Tebas já foi assaltado durante a década de 1990, segundo relato de moradores.

Além disso, a eficiência dos serviços existentes no município é muito questionada pelos moradores. Por exemplo, o Gráfico 5 apresenta a frequência, em número de vezes por semana, que os respondentes observaram a Polícia Militar fazendo ronda no seu local de residência, estudo ou trabalho. Vale destacar

que as respostas refletem a percepção dos respondentes.

Gráfico 5: Nova Tebas (PR). Percepção da presença da Polícia Militar, em vezes por semana



Fonte: Adaptado de Fernandes (2012).

Em Nova Tebas, a Polícia Militar é percebida de diferentes maneiras pelas ruas da cidade, ou seja, enquanto quase 13% alegam que ela faz ronda todos os dias em sua rua, 10% alegam que ela não faz ronda em sua residência ou comércio. Portanto, determinados espaços são privilegiados, enquanto outros negligenciados.

Os motivos que levam a violência e a insegurança urbana são variados. Nesse sentido, a Tabela 2 apresenta, por proporção de citações, os principais motivos que, na opinião dos moradores, levam a existência da violência nas cidades de Nova Tebas.

A ausência de policiamento e serviços de segurança, a impunidade e o consumo de álcool e drogas são apontados como os principais motivos para a existência de eventos relacionados à violência e pela difusão da insegurança urbana: os três itens somam 53,7% das afirmações em Nova Tebas.

Entre as outras opções, algumas chamaram a atenção: o isolamento de Nova Tebas, com 1,3% das citações, a presença de pessoas de fora do município, com 1,3% e a influência da mídia, com 0,7% das citações.

A realidade e os resultados encontrados nos trabalhos empíricos refletiram os dados divulgados no Mapa da Violência (2010). Na ocasião, Nova Tebas era a segunda cidade com maior taxa de homicídio, entre 2003 e 2007, no Brasil, com 132, o que representa 17 homicídios no período, atrás apenas de

Juruena, no interior do Estado do Mato Grosso (WASELFSZ, 2010, p. 31).

A Polícia Civil do Estado do Paraná repudiou os dados divulgados por Waiselfisz. A notícia, vinculada no *site* do órgão estadual, tentou transmitir a imagem de uma cidade tranquila e pacata, inclusive com depoimentos de moradores. Todavia, no final dessa mesma reportagem, uma declaração da prefeita municipal de Nova Tebas, Heloisa Ivaszek Jensen, mostrou que os dados não seriam tão sem fundamento, como afirmou a Polícia Civil: “Hoje, a situação amenizou bem. No ano passado, fizemos algumas reivindicações para o secretário de Segurança [...] que nos atendeu”. Ainda segundo ela, “foram feitas algumas blitzes (sic) policiais, desmanteladas quadrilhas e agora vivemos um período de tranquilidade” (POLÍCIA CIVIL, 2010).

Tabela 2: Nova Tebas (PR). Motivos para a existência da insegurança

Expressão	
Consumo de bebidas e alcoolismo	28,8%
Consumo e tráfico de drogas	13,4%
Ausência de segurança e impunidade	11,5%
Exploração sexual	7,4%
Outros	38,9%

Fonte: Adaptado de Fernandes (2012).

Essa atitude foi uma tentativa de evitar um estigma ou um rótulo, ou ainda, a perda de recursos, de população e de investimentos para o município de Nova Tebas. Essa ação é relativamente comum. Gáviria (2008, p. 78) relata que, em Alvorada, no Rio Grande do Sul, o prefeito fez uma palestra, em 2007, apresentando dados sobre a queda da violência, fazendo com que o município deixasse o primeiro lugar no Estado e passasse a ser o quinto mais violento. Além disso, foi lançada uma campanha tentando mudar o estigma de “Alvorada, cidade violenta” para “Alvorada, capital da solidariedade”.

Acredita-se que não é mascarando, negando ou criando lemas e logotipos de uma

realidade idealizada que se resolverão os problemas concretos, reais, que todos os dias permeiam o urbano brasileiro. No caso de Nova Tebas, há muitas políticas públicas, em praticamente todas as áreas, que devem ser realizadas pelo governo municipal, estadual e federal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais motivações deste trabalho caminharam no sentido de preocupar-se com espaços – não-metropolitanos – que são pouco abordados pelos referenciais teóricos e pelos meios acadêmicos, comparado aos grandes centros urbanos. Além disso, objetiva mostrar que considerável parcela da população vive em condições inadequadas e indignas, enfrentando, muitas vezes, sem esboçar reação ou sem motivação para isso.

O trabalho empírico na cidade de Nova Tebas revelou como os moradores se manifestam quanto à realidade enfrentada por eles. Assim, além de outras características elencadas, emergiram situações preocupantes e características próprias no que diz respeito à segurança pública e à sociabilidade.

Em Nova Tebas, os pouco mais de sete mil moradores convivem, desde antes da emancipação do município, com a falta de asfalto, saneamento básico, transporte público, políticas de geração de emprego e renda, além da ausência de apoio suficiente à agricultura local. Faltam também espaços públicos, pois sequer existe um espaço lúdico, como uma praça.

Além disso, a posição geográfica do município, somada a ausência de profissionais de segurança, transformaram-no num lugar “isolado”, onde quadrilhas se escondem e cometem práticas criminosas, existindo, inclusive, um penhasco denominado de “salto do sequestro”. Esse contexto, certamente, é desestimulante para o morador dessa localidade, fato comprovado pelo grande declínio demográfico enfrentado pelo município.

Em Nova Tebas pouco mais de 30% das pessoas sentem-se inseguras. Esse valor só não é superior devido ao alto grau de

personalização, que ainda é relevante na sociabilidade local. Além disso, os resultados mostraram que mais de 20% dos respondentes já sofreram com a insegurança e que quase 90% considera que a cidade tem muitos problemas de violência, fazendo com que ela seja considerada por quase 70% dos respondentes pouco segura, insegura ou altamente insegura.

O fato de existir um alto grau de personalização em Nova Tebas não faz da cidade um local onde a sociabilidade positiva ocorra com muita intensidade. Apesar de 95,7% dos respondentes conhecerem a maioria ou todos os vizinhos, quase 65% deles mantém relações superficiais com a vizinhança. O que conclui-se com a sociabilidade é que os jovens estabelecem maiores laços sociais, entretanto, com a ausência de espaços públicos lúdicos em Nova Tebas essa situação parece tornar-se cada vez mais efêmera.

Os resultados mostraram que há muito que se fazer, no âmbito político e social, por esse município. Há, também, necessidade da universidade ampliar os estudos e o debate acadêmico para esses espaços, contribuindo, assim com a sociedade local.

Portanto, os espaços e a sociedade das pequenas cidades devem continuar em pauta nos debates acadêmicos para que se possa avançar na compreensão da realidade urbana e social brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. L. A sociabilidade nos Grundrisse de Karl Marx. **Anais de Filosofia**, São João Del-Rei, v. 9, p. 309-313, 2002.

BACELAR, W. K. de A. **A pequena cidade nas teias da aldeia global**: relações e especificidades sócio-políticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG. 2008. 411 f. Tese (Doutorado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERNADELLI, M. L. F. da H. **Pequenas cidades na região de Catanduva – SP**: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias. 2004. 347 f. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

BUENO, F. da S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.

CANIELLO, M. O Ethos Sanjoanense: tradição e mudança em uma cidade pequena. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 31-56, 2003.

CORRÊA, R. L. Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. In: OS CAMINHOS da reflexão da cidade e do urbano. São Paulo: Edusp, 1994. p. 323-359.

ENDLICH, A. M **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. 2006. 505 f. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

FERNANDES, P. H. C. **Sociabilidade e sentimento de insegurança urbana em pequenas cidades**: o Norte do Paraná. 2012. 261 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

FRESCA, T. M. **A dinâmica funcional da rede urbana do Oeste Paulista**: estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista. 1990. 282 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.

GAVIRIA M. M. R. Controle social expresso em representações sociais de violência, insegurança e medo. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 20, p. 72 a 107, 2008.

GOMES, L. G. N.; SILVA JUNIOR, N. da. Sobre a amizade em tempos de solidão. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 57-64, 2007.

GONÇALVES, F. E. **Cidades pequenas, grandes problemas**: perfil urbano do Agreste Potiguar. 2005. 173 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php>. Acesso em: 13 abr. 2012.

_____. **Sidra**: censo demográfico 1960, 1970, 1980 e 1991. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

_____. **Sidra**: censo demográfico 1960, 1970, 1980 e 1991. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centrauro, 2001.

LUGAN, J. Sociabilité et intégration dans les petites villes: hypothèses sur une évolution. In: LABORIE, J.; RENARD, J. (Org.). **Bourgs et petites villes**. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1997. p. 399-406.

MAGALHÃES, N. Significados de violência em abordagem da mensagem televisiva. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 318-343, 2009.

MELO, N. A. de. **Pequenas cidades na microrregião geográfica de Catalão (GO)**: análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008. 527 f. Tese (Doutorado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MOREIRA, J. de O.; ABREU, A. K. C. de; OLIVEIRA, M. C. de. Moralidade e sociabilidade em Frankl: um norte para superação da violência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 627-635, 2006.

PEDRAZZINI, Y. **A violência das cidades**. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. .

POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ. 2010. Disponível em: <<http://www.policiamilitar.pr.gov.br/>>. Acesso em: 13 jul. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA TEBAS. **Informações sobre o município**. Disponível em: <http://www.novatebas.pr.gov.br>. Acesso em: 13 abr. 2012.

RIFIOTIS, T. Violência policial e imprensa: o caso da Favela Naval. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 28-41, 1999.

SANTOS, M. **O Espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: BOLETIM Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, 1977. p. 81- 99.

SILVA, L. A. M. da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 19, n. 1, p. 53-84, 2004.

SOARES, B. R. Cidade e metrópole: notas de um debate. In: DILEMAS urbanos: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003. p. 81-86;

SORIANO, E. **Os espaços de medo e os de castigo nas pequenas cidades do estado de São Paulo**: avaliação geral e o caso de Itirapina. 2007. 157 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

SOUZA, M. L. de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VIANA, N. **Violência urbana**: a cidade como espaço gerador de violência. Goiânia: Edições Germinal, 2002. .

WASELFISZ, J. J. Mapa da Violência 2010:
anatomia dos homicídios no Brasil. São Paulo:
Instituto Sangari, 2010.

ZALUAR, A. Exclusão e políticas públicas:
dilemas teóricos e alternativas políticas.

Revista Brasileira de Ciências Sociais, São
Paulo, v. 12, n. 35, 1997. Disponível em:
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-
69091997000300003&script=sci_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091997000300003&script=sci_arttext)>.
Acesso em: 26 jan. 2011.

Data de submissão: 30.04.2012

Data de aceite: 26.06.2012

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.